

ENTREVISTA COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA NOS ESTUDOS SOBRE FRACASSO ESCOLAR¹

Carmen Lúcia Guimarães de Mattos (Universidade do Estado do Rio de Janeiro /UERJ)

Paula Almeida de Castro (Universidade do Estado do Rio de Janeiro /UERJ)

RESUMO

Este texto é baseado no conjunto de dados compilados pelo Núcleo de Etnografia em Educação (NEdEDU), Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd/UERJ), em resposta às perguntas da pesquisa Fracasso Escolar: Gênero e Pobreza. É o terceiro de um conjunto de três estudos do tipo bibliográfico desenvolvidos para esta pesquisa. O primeiro foi o 'estado da arte' sobre o fracasso escolar; o segundo sobre a etnografia na pesquisa em educação no Brasil e, este aqui apresentado, sobre a entrevista nos estudos sobre o fracasso escolar. Os dados analisados são originários de oitocentos e oitenta e três textos científicos nacionais. A idéia principal foi identificar se os alunos eram ouvidos nesses estudos. Os instrumentos de busca, catalogação e análise de conteúdo foram os softwares EndNote e o Atlas.ti. Utilizou-se, ainda, o recurso de mapas conceituais para uma análise aprofundada do tema. Os estudos realizados apontaram que, no total de textos da amostra, somente 146 fazem uso de entrevista, destes somente um fez uso da entrevista etnográfica. Entretanto, 30% desse total indicaram a realização de entrevistas estruturadas. Portanto, infere-se que os estudos sobre o fracasso escolar, de um modo geral, não demonstram interesse em ouvir os alunos que fracassam, mas ao contrário, para entrevistar fazem uso de agendas pré-concebidas nas quais a pauta é do próprio entrevistado. Este dado indica, dentre outros, que ao entrevistar os pesquisadores indicam certa dificuldade em ouvir o outro, mas querem ser ouvidos por este outro para deles obterem informações que compõem o 'enquadre' pretendido para seus estudos.

Palavras-chave: entrevista, fracasso escolar, aluno.

ABSTRACT

This paper is based on the data compiled by the Center for Ethnography in Education (NEdEDU) Graduate School of Education (ProPEd / UERJ), in response to the questions from the research School Failure: Gender and Poverty. It is the third in a series of three bibliographic studies developed. The first was the 'state of the art' on school failure, the second on the ethnography in educational research in Brazil and, this presented here, about the interview within the studies on school failure. The data are derived from eight hundred eighty-three national scientific texts. The main idea was to identify whether the students were heard in these studies. The tools used for cataloging and content analysis were the software EndNote and Atlas.ti. It used also the resource of conceptual maps in-depth analysis of the theme. Studies showed that within the total texts examined only 146 make use interviews and from those only one has made use of ethnographic interviews. However, 30% of the total performed structured interviews. Therefore, it is clear that studies of school failure, in general, have shown no interest to hear students who fail, instead, to interview they make use of pre-conceived agendas. This indicates, among others things that, as interviewee, researchers seem to have difficulty hearing the other, but want to be heard by them in order to obtain information to 'fit' their desired to make sense of the study at hand.

Keywords: interview, school failure, students.

¹ Este texto é resultado da pesquisa intitulada: Fracasso Escolar: Gênero e Pobreza (2008-2010), financiada pelo CNPq, Processo, 400531/2008-9 / ED 032008. HUM/SOC/AP-EDITAL MCT/CNPQ 03/2008. Relatório Final foi publicado em 10/08/2010 no site: <www.netedu.pro.br>

INTRODUÇÃO

Neste texto, inicialmente, são apresentadas considerações sobre o uso da entrevista na pesquisa qualitativa. Em seguida, um estudo analítico sobre a entrevista como instrumento de pesquisa em estudos sobre o fracasso escolar. O pressuposto inicial foi investigar a presença ou não de alunos como informantes primários nestes estudos, isto é, saber como esses estudos situam o/a aluno/a, se eles/elas foram ouvidos/as ou não. Analisaram-se, ainda, os tipos de entrevistas utilizadas nestes estudos, a descrição e as contribuições deste uso. Construiu-se a hipótese dessa investigação pelo entendimento de que pesquisas em Ciências Humanas, em especial na área da Educação, muitas vezes, utilizam a entrevista como recurso para justificar o uso da etnografia. Esta hipótese foi encontrada na evidência de que pesquisas sobre o fracasso escolar realizadas em escolas e/ou falar sobre escolas possibilitariam o acesso ao aluno através de observações de sala de aula, vídeos, *focus group*, estudo de caso, dentre outros instrumentos de pesquisa qualitativa e que estes seriam facilitados pelo uso da entrevista como instrumento.

Encerra-se com a apresentação dos resultados das análises e a referência bibliográfica concernente ao estudo realizada.

A ENTREVISTA

Por que entrevistar? Como resposta a este questionamento compreende-se que a entrevista ocorre por existir o interesse do entrevistador nas histórias que o entrevistado pode contar. Está é a forma mais simples de se definir o uso de entrevistas em pesquisas. Alguém está interessado em conhecer o outro e fazer sentido das experiências deste outro.

Neste sentido, entrevistar ocorre como uma possibilidade e/ou oportunidade para aprofundar e ampliar dados de pesquisa coletados por outros tipos de instrumentos. Esse aprofundamento se dá pela necessidade em entender os participantes através de seu discurso sobre um determinado tema de pesquisa. Na descrição de uma entrevista a ótica e o conteúdo da fala do entrevistado devem ser considerados como principais fontes de dados. Deste modo, o entrevistador talvez possa descrever as percepções, representações, conceitos, valores, dentre outros, de modo mais coerente e claro a partir do que o entrevistado significa com a sua fala.

Ao narrar sobre sua história de vida uma pessoa tende a selecionar detalhes para mostrar ao entrevistador como ele faz sentido de algo que julga ser importante para o desenvolvimento da pesquisa deste. Ele/Ela tem consciência de que o entrevistador precisa compreender alguma coisa sobre esta história de vida. Ele tem consciência de que a parte da história que está sendo revelada pode não refletir o momento que está sendo vivido por ambos – entrevistador e entrevistado –, mas que é necessário fazer sentido daquele momento. De modo que a história trazida à tona pelo entrevistado precisa ser respeitada e seu significado preservado em termos da contextualização evocada por ele/ela que pode tanto ser posterior quanto anterior ao fato narrado. Pois, a contextualização evocada pelo entrevistado é uma parte do todo da consciência maior que ele/ela pretende comunicar sobre o tema abordado (VYGOSTSKY, 1979).

É, pois através da contextualização dos fatos apresentados que o tema ganha significado na história a ser contada. Há que se destacar que cada palavra do entrevistado é utilizada para significar o contexto do qual tem consciência através da ação ou evento lembrado durante a entrevista e que é importante para ele naquele momento (SEIDMAN, p.2, 1998). A lembrança de fatos e eventos é proporcionada através de canais de comunicação consigo mesmo, cadeias de idéias interconectadas. Portanto, pode-se inferir que entrevista-se alguém para se ter acesso ao conteúdo das informações que uma pessoa tem sobre um determinado tema ligado à memória e lembranças. Para os que se interessam pela entrevista como ferramenta de pesquisa, um dos argumentos para seu uso está na natureza dos conteúdos de fatos, eventos, idéias e conceitos que as lembranças do entrevistado podem evocar.

A entrevista é ainda considerada, uma técnica ou instrumento da investigação científica e como tal, possibilita colher dados sobre o dia-a-dia das pessoas e levar estes dados ao nível do conhecimento empírico a ser elaborado de forma científica. De acordo com Labov e Fanshel (1977) a entrevista é um evento de fala que se constitui numa conversa onde ambos –

entrevistador e entrevistado – possuem múltiplas tarefas a serem cumpridas. Estas envolvem engajamento, troca, cumplicidade e doação. Através do desdobramento dessas tarefas esse evento significa uma situação única de compartilhamento íntimo, subjetivo, revelador, cujo produto é uma informação significativa para o entrevistador. Não raro esta informação revela fatos subliminares ao tema estudado e a nível consciente do entrevistado.

Além dos fatos subliminares existe uma inferência do entrevistador sobre a realidade compartilhada durante a observação participante e que, muitas vezes, não foi vivenciada por ele. Esta inferência é revelada, quando o entrevistado ao reviver a experiência mutuamente compartilhada expressa uma dimensão subjetiva do que foi observado. Esta experiência se dá através de uma imersão no tema da entrevista de maneira a explicar fatos que são pouco evidentes aos olhos do entrevistado. Ela se dá através da compreensão da realidade vivida por ele e que foi pouco experimentada pelo entrevistador por ser um elemento estranho àquela realidade.

Para Goffman (1986) estas instâncias reveladoras, durante uma entrevista, são subjetivas e surgem em forma de quadros, frames e enquadres como em uma cena de filme em câmera lenta. Os quadros em frames (fotos) são visualizados pelo entrevistado, passo a passo e é assim passado para o entrevistador de modo a explicar detalhes dos fatos, auxiliando ambos – entrevistador e entrevistado – a tornarem-se reflexivos e ativos na forma de conduzir a entrevista.

De acordo com Seidman (1998) o uso da linguagem contém em si mesmo o paradigma do questionamento cooperativo. Entrevistar é uma forma básica de pesquisar, recortar narrativas e experiências de comunicação através da linguagem. Entretanto, questiona-se se contar histórias é fazer ciência. O autor responde que as melhores histórias são aquelas que nascem não somente nas mentes das pessoas, mas em seus corações, em suas almas e quando isso acontece, elas têm novas idéias, novas formas de entender as questões que lhes vem a mente. O desafio do método científico é poder servir a esse objetivo. Portanto, segundo o autor, a questão não é se contando histórias se faz ciência, mas se a ciência pode aprender a contar boas histórias (REASON, 1981 p. 50, *apud* SEIDMAN, 1998, p.2).

A ENTREVISTA COMO COMPARTILHAMENTO DE HISTÓRIAS, GERANDO SIGNIFICADOS

A pós-modernidade trouxe para o homem a ‘crise de sentidos’ (BERGER; LUCKMANN, 2004) e com ela uma maior dificuldade para lidar com o compartilhamento de significado e até mesmo com o reconhecimento desse significado em sua própria vida. A partir do momento, em que a ‘comunidade de vida’ (*idem*) perde o sentido, em muitos aspectos, a identidade do indivíduo fica fragmentada (HALL, 2000; BAUMAN, 1997), e o mesmo, parece não conseguir se expressar livremente sobre si. Neste sentido, promover uma entrevista é tentar gerar significado a partir da troca com o entrevistado, pois este busca o seu posicionamento de vida, a coerência de sua vida, de sua identidade e muitas vezes, diante do conflito em que vive não consegue realizar uma narrativa coerente sobre si mesmo. A fragmentação das instituições em que vive, deslocada do ponto principal e do tema da entrevista, faz com que o entrevistado narre a vida de outrem em lugar da sua, uma pessoa distante dele, como se esta fosse a sua própria. A entrevista, segundo Pinheiro (2000, p. 186), pode ser entendida como uma prática discursiva, por meio da qual se produzem sentidos e se constroem versões da ‘realidade’.

Para Lakatos e Marconi, (1991, p.196) existem seis tipos de motivações e dificuldades que justificam o uso da entrevista como instrumento:

- i. Averiguação de ‘fatos’;
- ii. Determinar opiniões sobre esses fatos;
- iii. Determinar sentimentos que envolvem esses fatos;
- iv. Descobrir planos de ação;
- v. Entender condutas atuais ou passadas;
- vi. Entender motivos conscientes para opiniões, sentimentos, sistemas de condutas, dentre outros.

Frederick Erickson (1986) indica que para realizar uma entrevista é necessário (1) identificar o significado social ou metafórico da fala, bem como seu significado literal ou referencial e (2) identificar significados dos pontos de vista dos participantes nos eventos observados e/ou relatados. O autor recomenda que é fundamental para ambos os atores de uma entrevista os seguintes questionamentos: Quem? O Quê? Quando? Onde? Por quê? Como? Estas perguntas devem ser colocadas a cada assunto novo tratado na entrevista. Elas auxiliam a fazer sentido do que está sendo falado pelo entrevistado: Quem? Refere-se a identidade do entrevistado no momento da entrevista, o pai, o trabalhador, o filho, o homem pobre, o político, o esposo; O que? Refere-se ao que o entrevistado diz - reflete sua identidade imediata ligada ao que usualmente ela representa no contexto estudado; Quando? Refere-se a noção de temporalidade, como o entrevistado se posiciona no tempo e no espaço, em relação as noções de hoje, ontem e amanhã, a clareza na definição dos fatos em relação temporal; Onde? Refere-se ao momento histórico atual, da idealização do pensamento atual, por exemplo, quando ao falar da escola que seu filho frequenta hoje, fala-se dela demonstrando noções definidas de contexto, isto é, da escola que vê ou que pensa estar vendo; Por quê? Refere-se a forma de falar, o porque ele fala desta e não daquela forma que o entrevistador o ouviu falar a poucos momentos antes da entrevista. Refere-se a mudança na fala, na compreensão da realidade e suas explicações imediatas; Como? Refere-se ao fazer sentido do que fala, que estratégias usar para significar o mundo.

De acordo com Erickson (1986) estas perguntas podem suscitar a reflexão e as percepções dos entrevistados em relação aos seguintes conceitos:

- i. Espaço como lugares físicos descritos descrições;
- ii. Atores, aqueles que dão sentido ao cotidiano do entrevistado; Atividades, as quais são caracterizadas por ações mais frequentes no cotidiano dos entrevistados;
- iii. Objeto, os quais representam as coisas físicas presentes que explicam o que está sendo dito pelo entrevistado;
- iv. Ato que é cena vivida pelo entrevistado e as características desta cena; v) Eventos, que se caracterizam por relatos de como as pessoas interagem na percepção do entrevistado;
- v. Tempo, que é a duração da sequência dos acontecimentos para o entrevistado e o que esta sequência significa para ele;
- vi. Objetivo refere-se a como as pessoas percebem o seu mundo o que estas esperam do futuro;
- vii. Sentimento relacionado às emoções expressas durante a entrevista.

ETAPAS DO ESTUDO ANALÍTICO DESENVOLVIDO

Este estudo, de caráter analítico, não pretendeu teorizar sobre a entrevista, mas analisar, comparar elementos e identificar tipos e/ou os modos de utilização desta nos estudos sobre o fracasso escolar. Uma busca inicial em seiscentos e oitenta e três (683) textos sobre o fracasso escolar indicou que cento e quarenta e nove (149) mencionavam a entrevista como instrumento de pesquisa.

O estudo analítico sobre a entrevista partiu dos conteúdos expressos pelos autores dos textos estudados para proceder suas análises. As etapas desenvolvidas foram:

- i. Catalogação dos 683 textos sobre fracasso escolar utilizando o software EndNote²;
- ii. Análise destes textos utilizando o software Atlas.ti na busca pelas palavras-chave: entrevista, conversas, pesquisa, questões, procedimentos e instrumentos.

² Para o uso dos softwares EndNote e Atlas.ti, neste texto veja explicações no site: www.netedu.pro.br (página inicial) [Relatório da Pesquisa "Fracasso Escolar: Gênero e Pobreza \(2008-2010\)"](#)

- iii. Análise das categorias encontradas pela frequência de palavras que emergiram do Atlas.ti e análise manual e digital dos textos. Dos textos mencionados 149 foram identificados como pertinentes à amostra;
- iv. Construção do mapa conceitual dos 149 textos da amostra com o objetivo de responder as questões propostas no quadro I abaixo;

Quadro I- Mapa Conceitual sobre Entrevista

Este documento tem como objetivo analisar textos sobre fracasso escolar à luz de pressupostos metodológicos utilizados pelos autores e identificar as questões proposta para análise expostas na tabela abaixo

Texto Livro Revista Tese Artigo	Contribuição para fracasso escolar: gênero e pobreza	Aspectos históricos Etnografia educação no Brasil? Quais?	Em que ano se deu o estudo?	Em que instituição? Escola ou outros	Qual é objeto do estudo?	Financiamento Por qual instituição?	Instrumentos de coleta de dados.	Como foram utilizados?	Principais categorias de análises	Teorias	Retorno dado à instituição, e ou sujeitos das pesquisas
---	---	--	---	---	-----------------------------------	---	--	------------------------------	--	---------	---

- v. Seleção dos textos que utilizaram entrevista como instrumento de pesquisa, na qual 99 textos foram destacados;
- vi. Classificação destes textos quanto a sua natureza teórica, empírica e outros tipos;
- vii. Classificação dos textos selecionados quanto ao uso que fizeram da entrevista, os dados que emergiram desta análise foram: usou entrevista para estudar o tema metodologicamente; usou entrevista para realizar entrevistas no próprio estudo relatado, usou entrevista para falar dela a partir de outros estudos que usaram entrevistas como instrumento;
- viii. Classificação quanto aos tipos de entrevistas utilizadas a partir de termos identificados no discurso do autor: entrevista aberta, não estruturada, etnográficas; entrevista estruturada; entrevista semi-estruturadas e/ou semi-abertas e outros tipos de entrevistas: do tipo entrevista clínica e /ou anamnese; combinada com questionário; combinada com observação; combinada com desenho; do *tipo focus group*; combinada com relatório; do tipo devolutiva e, por fim, quais textos declaram utilizar entrevistas como instrumento sem explicar o tipo ou uso que fizeram das mesmas.

Destacaram-se, dentre os diversos tipos de entrevistas mencionados nos estudos analisados a entrevista estruturada, a entrevista aberta e a entrevista semi-estruturada.

DESCRIÇÃO DOS TIPOS DE ENTREVISTAS ESTRUTURADA, ABERTA E SEMI-ESTRUTURADA

No primeiro tipo mencionado a entrevista estruturada é entendida como aquela que inclui perguntas programadas e/ou formuladas previamente que não serão alteradas durante o curso da investigação. Geralmente, segue um roteiro fechado de questões ou um guia.

Oposta a esta, encontra-se o segundo tipo, a entrevista aberta que caracteriza-se por assemelhar-se a uma conversa do dia a dia. Pois não segue formalmente um guia e/ou roteiro previamente elaborado. Este tipo é também comparado a um bate-papo, uma conversa informal, um diálogo aberto entre o entrevistador e o entrevistado. De acordo com Gomes (2004, p.5) a entrevista aberta é aquela que oferece um conteúdo privilegiado para análise realizada pelo autor e cada entrevista deve ser tomada em sua totalidade, para isso o discurso escrito precisa ser o mais fiel possível ao discurso falado. Porém, a busca da forma e sentido do conteúdo desse discurso depende de quem os interpreta.

O terceiro tipo de entrevista é a semi-estruturada na qual tende-se a misturar ambas as características dos tipos de entrevistas descritas anteriormente. Neste tipo de entrevista existe ampla liberdade do pesquisador, ela é flexível e permite perguntas e/ou as intervenções para elucidar um caso particular do roteiro previsto. Neste tipo de entrevista pode existir um guia e/ou um roteiro, mas este é utilizado sem o rigor da entrevista estruturada, podendo sofrer alterações no decorrer da entrevista. Para Triviños (1987, p. 146 apud SILVA, 2005) a

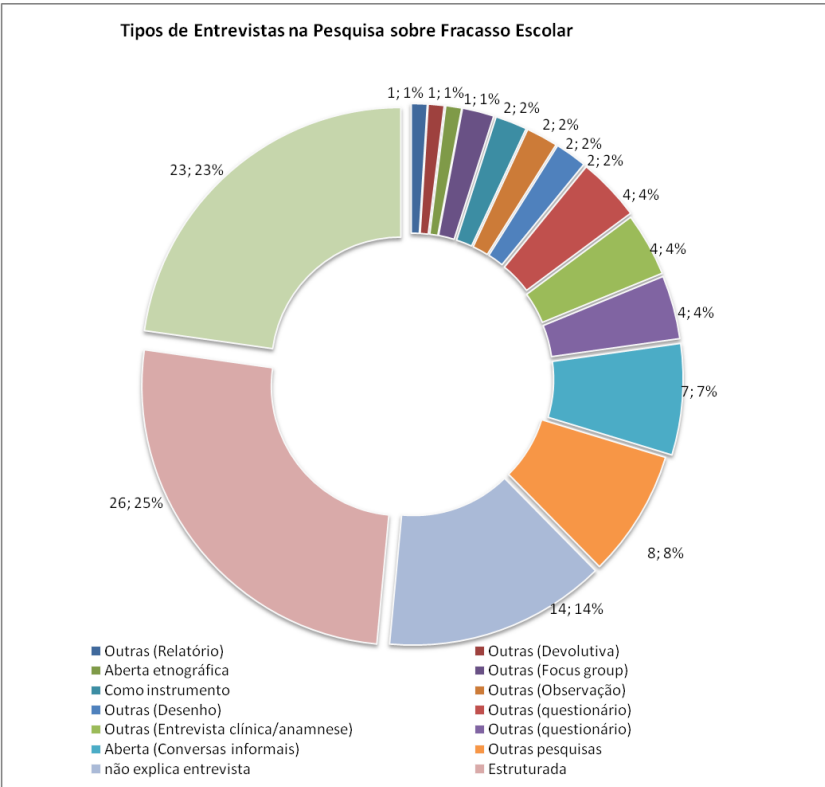
entrevista do tipo semi-estruturada é aquela em que o informante segue espontaneamente uma linha de seu pensamento e pode participar na elaboração do conteúdo da entrevista. Este conteúdo envolve não somente a teoria que advém do repertório dos entrevistados, mas também, da ação de entrevistar, sendo, muitas vezes, um complemento às informações já obtidas pelo entrevistador sobre o tema de seu estudo.

Os dados resultantes das análises foram resumidos de duas formas. A primeira encontra-se em uma tabela³ seguida de sua referência bibliográfica. Nela foram destacados itens considerados importantes para a análise da entrevista como metodologia, deles constam – identificação do texto estudado e descrição do mesmo sobre a entrevista (ilustração a baixo quadro II). Na segunda forma, foi elaborado o quadro III com o respectivo gráfico (figura I abaixo) contendo os dados numéricos e a tipologia de entrevista.

Quadro II

TEÓRICOS: COMPREENDE ESTUDOS QUE UTILIZAM A ENTREVISTA COMO METODOLOGIA	
Sobre o texto	Descrição
1. (ALVES, 1991) O planejamento de pesquisas qualitativas em educação.	"As entrevistas qualitativas são geralmente muito pouco estruturadas, assemelhando-se mais a uma conversa do que a uma entrevista formal. Mesmo nesses casos, porém, é possível indicar no projeto o objetivo geral da entrevista e, freqüentemente, os principais aspectos que pretende indicar o número aproximado de entrevistas e o tipo de respondentes (por exemplo, alunos, pais, professores, etc.)" p. 60.

Gráfico I



Quadro III

TIPO DE ENTREVISTA	Percentual
Outras (Relatório)	1,1%
Outras (Devolutiva)	1,1%
Aberta - etnográfica	1,1%
Outras (Focus group)	2,2%
Como instrumento	2,2%
Outras (Observação)	2,2%
Outras (Desenho)	2,2%
Outras (questionário)	4,4%
Outras (Entrevista clínica/anamnese)	4,4%
Outras (questionário)	4,4%
Aberta (Conversas informais)	7,7%
Outras pesquisas	8,8%
não explica entrevista	14,14%
Estruturada	26, 25%
Semi-estruturada	23,23%
TOTAL	99

³ Esta tabela completa com os 99 textos analisados pode ser visualizada no site: www.netedu.pro.br, anexo ao [Relatório da Pesquisa "Fracasso Escolar: Gênero e Pobreza \(2008-2010\)"](#)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo desenvolvido pretendeu identificar a presença ou não de alunos como informantes primários possibilitando visualizar como os pesquisadores situam o/a aluno/a, se eles/elas foram ouvidos/as ou não, em destaque nos estudos sobre o fracasso escolar. A escolha por analisar os estudos sobre o fracasso escolar se deu na medida em que pesquisas sobre o fracasso escolar são necessárias, não somente para dar sentido aos novos processos de avaliação, mas para entender a subjetividade imersa no estigma e na realidade do aluno e aluna fracassados na escola e buscar indicadores mais sensíveis à realidade educacional para o seu enfrentamento e prevenção.

O indicativo da fala dos alunos e alunas é ilustrado nas análises realizadas. Destas, depreendeu-se, como ilustrado no Quadro III e no Gráfico I, que comparando o total dos seiscentos e oitenta e três (683) estudos examinados em termos de sua natureza, somente cento e quarenta e nove (149) optaram por ouvir os participantes da pesquisa sobre o tema fracasso escolar. Este dado indica que os demais falaram ‘sobre’ fracasso escolar teoricamente, utilizando a literatura disponível para apoiar ou criar seus argumentos.

Destaca-se, de modo surpreendente, que em somente dez (10) textos do total o próprio sujeito do fracasso foi ouvido sem uma agenda pré-concebida e tentou-se ouvir ‘o que’ e ‘como’ os meninos e meninas fracassadas relataram sobre suas realidades. Os demais, embora variando o modelo de entrevistas, falam ‘com’ e ‘sobre’ o fracasso abordando diferentes pessoas envolvidas no processo, exceto o aluno e a aluna, vítimas do processo de exclusão e fracasso escolar.

Outro dado a ser destacado foi o percentual de 30% das entrevistas estruturadas no total de trabalhos que mencionam o uso da mesma. Pode-se inferir sobre uma dificuldade, entre os pesquisadores, em lidar ‘com a fala do outro’, ao mesmo tempo, indicando a necessidade de controlar ‘o que este outro fala’. Deduz-se que ‘a priori’ o ‘outro’ deve ser capaz de ‘dizer’ aquilo que está previsto no *script* do ouvinte ou deverá manter-se ‘calado’, pois o pesquisador possui uma agenda própria para a realização de seu estudo. A utilização da entrevista não indica a inclinação do pesquisador para ‘ouvir’, muitas vezes, apenas porque a técnica escolhida para coletar seus dados deve incluir a dita ‘voz do oprimido’. Voz esta que é amplamente utilizada nas publicações disponíveis em Educação desde os trabalhos de Paulo Freire. Contudo, na maioria destas publicações a menção à voz do oprimido, de que nos fala Freire, não levam em conta as considerações feitas por este autor que indicam o significado de ‘ouvir’ e de ‘ser ouvido’.

Deste modo, pretende-se não somente contribuir para os estudos qualitativos, como a etnografia, mas traçar um perfil de pesquisas que utilizam entrevistas identificando o uso que fizeram da mesma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Alda Judith. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. Cadernos de Pesquisa, São Paulo (77): 53-61, maio, 1991.
- BAUMAN, Zygmunt O mal-estar da pós-modernidade Rio de Janeiro: Zahar Editor (Tradução: Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama), 1997.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN T. Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno. Petrópolis: Vozes, 2004.
- ERICKSON, F. Qualitative methods in research on teaching. In: WITTROCK, M. C. (Ed.). Handbook of research on teaching. 3rd ed. New York: Macmillan, 1986.
- GOMES, R. D. C. O. Conversando com mães e professoras sobre as orquídeas e os girassóis da exclusão: Teorias subjetivas sobre práticas de educação e desenvolvimento infantil, em instituições comunitárias. Niterói, RJ, 2004. 271 p. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense.
- LABOV, W with David Fanshel. Therapeutic Discourse: Psychotherapy as Conversation. New York: Academic Press, 1977.
- LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 1991.

MATTOS, C.L.G de CASTRO, P. A de. Fracasso Escolar Gênero e Pobreza. Relatório final de Pesquisa. CNPq. UERJ. NETEDU: Rio de Janeiro. Publicação on-line, www.netedu.pro.br, 2010

PINHEIRO, Odette de Godoy. Entrevista: uma prática discursiva. p.183- 214. In Spink, Jane Mary Práticas Discursivas e a produção de sentido no cotidiano – aproximações teórico e metodológicas (Org) São Paulo: Cortez Editora, 2000, 2ª edição.

SEIDMAN Irving, Interviewing as qualitative research; a guide for reseachers in education and the social sciences, 2nd ed. Teacher College Press: New York: 1998.

SEIDMAN, Irving, Interviewing as qualitative research; a guide for reseachers in education and the social sciences. 2nd ed. New York: Teacher College Press, 1998, apud HERON, J. The philosophical basis for a new paradigm. In: REASON, P.; ROWAN, J. (Ed.) Human inquiry. New York: Wiley. 1981. p.19-35.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais. 1ª edição. São Paulo: Atlas Editora.1987. 176 p. Apud, SILVA, W. L. da.. Aluno Invisível: o professor olhou e não viu. Rio de Janeiro, 2005. 257 p. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

VYGOTSKY, L.S Pensamento e Linguagem. Lisboa, Portugal: Anídoto, 1979.

Carmen Lúcia Guimarães de Mattos - carmenlgdemattos@globbo.com

Paula Almeida de Castro – paula@netedu.pro.br